

A LGBTfobia como uma marca da cultura heterossexual

LGBTphobia as a mark of heterosexual culture

Roselaine Dias da Silva¹

Resumo

O texto apresenta a LGBTfobia como marca da cultura heterossexual que condiciona jovens ao regramento de uma única expressão da sexualidade. Essa reflexão é parte das análises da Dissertação de Mestrado, *Voices de Estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma Escola Estadual em Campo Grande, MS*, defendida em 2019 no Mestrado Profissional em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul que investigou a percepção de 140 estudantes por meio de uma pesquisa empírica sobre a LGBTfobia. O estudo foi dividido em duas etapas, em que a primeira reuniu jovens entre 14 e 18 anos mediante trabalho de sensibilização; e a segunda, com entrevistas individuais, roteiro pré-estabelecido que explorou a temática pesquisada por O pensamento exposto nesse artigo referenda a epistemologia foucaultiana para compreender a materialidade dos corpos LGBT que demarcam a visibilidade da identidade sexual como rompimento do poder heterossexual e apresentam a identidade sexual como marco de resistência a cultura LGBTfobica *Campo Grande, MS*. O estudo revelou que os estudantes, em geral, são submissos aos preceitos da heterossexualidade. Observou-se que as buscas por afeto e desejo estabelecem redes de apoio e enfrentamento a LGBTfobia que é uma marca da cultura heterossexual que atravessa a constituição identitária dos /das jovens participantes da pesquisa.

Palavras-Chave: Sexualidades. Jovens. LGBTfobia.’

Abstract

The text presents LGBTphobia as a mark of heterosexual culture that conditions young people to regulate a single expression of sexuality. This reflection is part of the analyzes of the Master's Dissertation, *Voices of High School Students on LGBTphobia in a State School in Campo Grande, MS*, defended in 2019 in the Professional Master's in Education at the State University of Mato Grosso do Sul that investigated the perception 140 students through empirical research on LGBTphobia. The study was divided into two stages, in which the first brought together young people between 14 and 18 years old through awareness raising; and the second, with individual interviews, a pre-established script that explored the theme researched by The thought exposed in this article endorses the Foucaultian epistemology to understand the materiality of LGBT bodies that demarcate the visibility of sexual identity as a breach of heterosexual power and present identity sexual as a landmark of resistance to LGBTfobic culture *Campo Grande, MS*. The study revealed that students, in general, are submissive to the precepts of heterosexuality. It was observed that the searches for affection and desire

¹ Roselaine Dias da Silva, Professora, Mestr

establish networks to support and confront LGBTphobia, which is a mark of the heterosexual culture - = that crosses the identity constitution of the young participants in the research.

A proposta desse texto e a LGBTfobia como marca da cultura heterossexual que delimita os referenciais identitarios sexuais dos jovens na faixa etária de 14 a 16 anos. Essa reflexão se apresenta a partir da Dissertação de Mestrado, *Vozes de Estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma Escola Estadual em Campo Grande, MS*, defendida em 2019 no Mestrado Profissional em Educação na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul.

A LGBTfobia que qualifica a violência contra as pessoas LGBT foi caracterizada no campo da educação. Fez-se o mapeamento teórico no banco de dados da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) no espaço entre 2013 e, o primeiro semestre de 2018 na Plataforma Sucupira por meio das dissertações que apresentaram o descritor Homofobia. Nesse período, o único estudo que retratou o conceito da LGBTfobia na área de concentração educação foi intitulada *Políticas de Educação que Tratam de Gênero e Sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai* (LIMA, 2016) que a retratou como um fenômeno social.

Nesse sentido, o estado da questão (NÓBREGA- THERRIEN; THERRIEN, 2004), pelo qual articulamos a investigação foi desenvolvido pela conceituação da Homofobia por meio da contribuição de Borrillo (2010) que aprofundou esse conceito no cenário ocidental.

Para compreensão dos sistemas sociais que operam sobre a construção das sexualidades, referências do construcionismo social como Jeffrey Weeks (2000), Gayle 'Rubin (2003) balizaram a pesquisa que considerou a representação e a vivência das sexualidades como marco de constituição dos sujeitos.

A metodologia de pesquisa empreendida, pauta-se na abordagem qualitativa em educação, na pós-crítica do currículo (MOREIRA; SILVA, 1994) para contextualizar as categorias escola e sexualidades. E dos pressupostos da investigação qualitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994) que na primeira fase da pesquisa, envolveu 140 participantes divididos/ as em quatro turmas do 1º ano do ensino médio em uma Escola Estadual localizada no centro de Campo Grande, MS. E a segunda etapa compreendeu entrevistas individuais com roteiro pré-estabelecido direcionado às/ aos jovens LGBT. Nesta fase em que as/os participantes respondiam individualmente às questões específicas sobre orientação sexual e identidade de

gênero. Teve a participação de duas lésbicas, duas bissexuais, um gay e uma jovem que se identificou em construção talvez como bissexual ou pansexual foram caracterizadas/o na pesquisa para preservar suas identidades por meio de um número que foi indicado de acordo com a ordem de participação na pesquisa.

As deste estudo são apresentadas a partir do estado do conhecimento (NÓBREGA-THERRIEN; THERRIEN, 2004) sobre a LGBTfobia relacionando-a com as categorias juventude e vinculando –a com a categoria violência em que os argumentos foram baseados nas pesquisas de Abramovay e Rua (2002; 2004), que abordam essas categorias de análises no Brasil.

Ressaltou-se na pesquisa em campo, a assunção da identidade sexual como forma de resistência dos/ as jovens LGBT frente ao marco cultural da heterossexualidade. Nessa “condição” (DAYRELL, 2007, p.1108) em que o corpo da representação LGBT atua conforme a epistemologia foucaultiana, em um processo de confronto e resistência cotidiano.

Nesse artigo para situar cultura, educação, sexualidades e jovens, assim como na Dissertação, referendou-se o texto de Britzman (1996) em que dialoga sobre *O que é essa coisa chamada amor: identidade homossexual, educação e currículo* que desenvolve o conceito do “capital sexual” em que expõe a idéia de uma cultura LGBT. Além de Dayrell (2007, p. 1108), a fim de compreender a condição em que se encontram jovens LGBT na cidade pesquisada no que “refere-se à maneira de ser [...] perante a sociedade”.

Identidades Sexuais e Resistências

A segunda parte da pesquisa, evidenciou as narrativas de lésbicas, gays, bissexuais e uma auto identificação como pansexual, que explicita a “condição” (DAYRELL, 2007, p. 1108) de enfrentamento ao regramento heterossexual que se dá no exercício de vida de cada jovem participante. As falas confirmaram uma das afirmações de Britzman (1996) em que LGBTs buscam suas referências identitárias sexuais, junto aos seus pares para confrontar a norma heterossexual e suas prerrogativas. Entre essas, implicam-se as formas de comportamento que definem os papéis de gênero na sociedade brasileira.

Para Butler (2003), que investiga a construção dos sujeitos a partir da perspectiva política, de acordo com os estudos de gênero há socialmente o condicionante da performatividade, que a autora coloca como papel construído do masculino e do feminino,

que implicam na composição da heterossexualidade como norma e a colocam em uma posição de superioridade em relação às demais expressões das sexualidades.

Foucault (1998) em sua proposição sobre o dispositivo da sexualidade escancara essa hierarquia e o estado superior da heterossexualidade como norma e regra absoluta. Esse conceito considera que há um controle estatal que ordena o sistema sexual vigente, o mantém e o controla. Sob esse construto, manifestar o desejo, o afeto e o prazer distinto do regramento é uma forma de enfrentar as relações de poder estabelecidas que perpassam as vivências sexuais.

Nesse sentido, o reconhecimento identitário, como fala o único estudante gay entrevistado na pesquisa, participante nº 5, traz a idéia de “comunidade” (SILVA, 2019, p. 81). demonstrando a necessidade de reconhecer a /o outra/ o que também seja LGBT. Configura-se por essa narrativa, a necessidade de pertencimento. Meccia (2011, p. 134), em sua pesquisa sobre a homossexualidade masculina na Argentina, aponta a sensação de “coletividade e os sentimentos de pertencimento como práticas de reconhecimento de pares”.

Conforme Dayrell (2007), jovens se constituem socialmente por meio de seus pares. A estudante nº 8 revela essa leitura ao expor sua possibilidade de construção sexual que se organizava pela troca com seus/ suas amigos/ as bissexuais (SILVA, 2019). A explanação dessa jovem indica a sustentação de Britzman (1996), de que LGBTs expressam sua sexualidade para encontrarem seus pares e, assim, por códigos, signos e expressões se comunicam, favorecendo a constituição identitária coletiva.

Sob essa perspectiva, da pertença e do reconhecimento identitário, têm-se o movimento de resistência, nos discursos e na materialidade dos corpos que ocorre em meio aos tensionamentos (FOUCAULT, 1998, p. 143) pessoais, sociais e culturais confrontados por esse/essas jovem/ jovens. Pois além dos seus próprios conflitos, pertinentes à idade, precisam disputar o poder engendrado da heterossexualidade e todo o sistema que mantém a organização moral para sua continuidade.

A epistemologia foucaultiana aponta que o poder não é absoluto, existe resistência dentro dele mesmo. Por esse pensamento, observa-se o tensionamento no processo de resistência evidenciado nos discursos das jovens lésbicas, nº 1 e nº 6, que formavam um casal (FOUCAULT, 1998). Elas disseram que os “héteros ficam esperando na Parada” (SILVA, 2019, p. 86). As estudantes se referiram aos ataques provocados por homens heterossexuais,

que segundo Elas, esperavam o término da Parada da Diversidade que acontece no centro de Campo Grande, MS.

Tem –se de um lado, a heterossexualidade instituída como instrumento de violência contra a população LGBT, configurando, nesse caso, a LGBTfobia em Campo Grande, MS. E de outro, o casal de lésbicas, que colocam seus corpos nesse espaço de disputa e os referendam como instrumento de resistência.

As lésbicas entrevistadas demarcam a materialidade dos seus corpos marcados nas ruas da capital do Mato Grosso do Sul. Elas denotam o que Britzman destacou como “capital sexual” (1996, p. 82), que representa toda a complexidade da vivência sexual, para além das práticas e entende a sexualidade carregada de elementos que fazem parte da constituição dos sujeitos (VANCE, 1995). Dessa forma, Elas desestabilizam o poder da heterossexualidade sobre seus corpos.

Os marcadores da LGBTfobia

A pesquisa qualifica Campo Grande como uma cidade LGBTfóbica. As atividades de sensibilização, em sala de aula, junto às/ aos estudantes explicitaram a cultura homofóbica perpetrada na capital. Das quatro turmas trabalhadas, do 1º ano do Ensino Médio, uma turma, descrita no estudo como 2H, tinha mais meninos do que meninas. Nessa turma, foi evidente que Eles ficavam incomodados com a temática em diálogo, exibiam sua contrariedade ao “se debruçarem sobre a mesa, com os braços estendidos, fechavam os olhos” (SILVA, 2019, p. 52). Essa reação não foi surpresa, haja vista, que os estudos sobre preconceito e discriminação denunciam que “[...] os jovens do sexo masculino rechaçam com maior intensidade a homossexualidade” (ABRAMOVAY; CASTRO e SILVA, 2004, p. 280).

As dinâmicas utilizadas na primeira etapa da pesquisa junto às turmas, ressaltaram os padrões de gênero espelhados nos comportamentos masculinos na escola. O que retratou como os jovens são influenciados pela cultura heterossexual e a consideram como modelo para o exercício das sexualidades. O repúdio dos estudantes ressalta a imposição dos padrões culturais aos quais são submetidos em Campo Grande, que se situa no cenário ocidental. A antropóloga Gayle Rubin aponta essa condição como “[...] histórico e moral, apresentado pelo capitalismo que instaura um patrimônio cultural de formas de masculinidade e feminilidade” (RUBIN, 2011, p. 16).

Conforme os estudos gays e lésbicos, existe um “aparato estatal” que fomenta a heterossexualidade (BRITZMAN, 1996, p. 82). Por essa perspectiva, há um sistema organizado para manter esse campo ideológico que opera de forma incisiva sobre a vida de jovens gays e jovens lésbicas, atuando para a intimidar as suas expressões de sexualidade.

Em sua dissertação sobre bullying homofóbico, Souza (2013), descreveu que os meninos assumem a prática do bullying. Já as meninas, como abordam Abramovay, Castro e Silva (2004), em geral, são vítimas ou testemunhas das discriminações. Souza (2013), em sua pesquisa, caracterizou a homofobia como um fenômeno social. Da mesma forma, Lima (2016), que estudou a LGBTfobia na América Latina analisando os documentos oficiais emitidos pelo Brasil e Uruguai no campo das políticas públicas educacionais, também a classificou como fenômeno social.

Por essa análise, essa pesquisa, assim como outros /as estudiosos/ as podemos sugerir que os papéis construídos de gênero originam a homofobia. Para Borrillo (2010), a homofobia tem impacto psicológico e cultural que atua sobre lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Conforme o autor, a homofobia age no campo das “emoções [que, segundo Ele, incluem] crenças, preconceitos e convicções; das condutas [por meio de] atos, práticas, procedimentos, leis [além de] um dispositivo ideológico [que se organiza por meio de] teorias, mitos, doutrinas, argumentos de autoridade”, entre outros elementos (BORRILLO, 2010, p. 35).

Na pesquisa realizada, Silva (2019), afirma que o conceito assinalado por Borrillo (2010), pode ser equivalente para a LGBTfobia. Nesse estudo, firmou-se a caracterização desse fenômeno social como atos e práticas simbólicos, físicos e morais provocados, em geral, por homens heterossexuais, contra a população LGBT. Que se distingue da norma heterossexual, conferindo a existência de outras manifestações sexuais.

No entendimento de Borrillo (2010), as vivências das homossexualidades contestam a posição de superioridade da heterossexualidade em relação às demais expressões, nesse estudo, incluem-se também, as travestilidades. Para Lima (2016), a homofobia é um fenômeno que integra a LGBTfobia, pois o pesquisador sustenta que ela resulta dos preceitos sexuais que declaram a heterossexualidade como padrão de identidade sexual.

O estado do conhecimento (NÓBREGA- THERRIEN; THERRIEN, 2004) sobre a LGBTfobia torna explícito o jogo do poder engendrado sobre o exercício das sexualidades. Na prática, as narrativas das jovens sobre a Parada da Diversidade, em Campo Grande explicitaram essa trama. Como aponta Butler (2003, p. 55), “a sexualidade sempre é construída nos termos do discurso e do poder, sendo o poder em parte entendido em termos das convenções culturais heterossexuais”.

O dispositivo da sexualidade articula esse poder (FOUCAULT, 1998) de tal forma que, alguns/ algumas jovens não declaram sua orientação sexual por medo das conseqüências que essa exposição possa lhe causar. Nesse caso, verifica-se, o “capital sexual no armário” (BRITZMAN, 1996, p. 82), preso nas amarras do controle sobre as práticas e o exercício das sexualidades. A estudante lésbica, nº 6, namorada da participante nº 1, reflete esse pensamento: “[...] por que a gente... é como se nós fôssemos uma mutação por não ser o padrão que a sociedade impõe” (SILVA, 2019, p. 46). Sua voz traduz o que possivelmente muitos/ as jovens sentem e vivem e, talvez por isso, mantenham-se no armário.

Considerações Finais

Ao pautar a LGBTfobia como marca da cultura heterossexual, nesse artigo, a partir da pesquisa, *Vozes de Estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma Escola Estadual em Campo Grande, MS*, foi necessário compreender a homofobia como parte do fenômeno estudado. E entender essa forma adversa a livre manifestação sexual como um aspecto social que atravessa a vida dos/ as jovens na capital de Mato Grosso do Sul.

Mediante esse cruzamento dos conceitos e dos preceitos legais que ordenam a forma de convivência social, ditando o que cabe ou não no campo das sexualidades, notou-se na pesquisa que os meninos respondem, de forma imediata, aos padrões culturais regulamentadas pela sociedade heterossexual.

A exposição da contrariedade dos estudantes em dialogar sobre a constituição das identidades sexuais, em sala de aula; a perseguição às jovens lésbicas no dia da Parada da Diversidade em Campo Grande, MS, apontam o poder estabelecido da heterossexualidade e

como toda essa trama socialmente organizada se articula, desde a escola até o espaço da rua para barrar a livre expressão das sexualidades.

Depreendeu-se na segunda etapa da pesquisa, que a auto identificação como lésbica, gay, bissexual ou pansexual serve como instrumento de resistência e caracteriza o “capital sexual” (BRITZMAN, 1996, p. 82) que identifica os pares, cria um sentimento de pertença e demarca as buscas e interesses por afeto e desejo distinto da heterossexualidade, mostrando que não há condicionamento sobre os corpos LGBT.

As vozes das estudantes lésbicas e bissexuais que saem às ruas, descrevem a materialidade dos corpos que visibilizam a ideia de rompimento com o padrão normativo. Desse modo, as participantes da pesquisa criam resistências e desafiam o dispositivo de poder ao ocuparem as ruas, enfrentam a LGBTfobia e corporificam suas identidades sexuais e suas existências.

Por essa explanação, ao compreender as sexualidades como marcador histórico – sócio- cultural na vida dos sujeitos (WEEKS, 2000), permeada por códigos, signos e símbolos que visibilizam as identidades sexuais, percebe-se a LGBTfobia como marca da cultura heterossexual que atravessa a constituição identitária dos /das jovens participantes da pesquisa.

Diante das análises apontadas, nesse estudo, cabe refletir se manter o “capital sexual no armário” (BRITZMAN, 1996, p. 82) não seria também uma estratégia de resistência por parte das pessoas LGBTs. Quiçá uma forma de luta silenciosa que se reverbera entre pares.

Referências

- ABRAMOVAY, M; RUA, M.G. **Violências nas escolas**. Brasília: UNESCO Brasil, REDE PITÁGORAS, Coordenação DST/AIDS do Ministério da Saúde, a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça, CNPq, Instituto Ayrton Senna, UNAIDS, Banco Mundial, USAID, Fundação Ford, CONSED, UNDIME, 2002.
- BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira, Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2010.

BRITZMAN, D. **O que é esta coisa chamada amor, identidade homossexual, educação e currículo. Educação e Realidade** Porto Alegre, Faculdade de Educação/UFRGS, v. 21, n. 1, p. 71-96, jan. /jun. 1996. Disponível em: <www.scielo.br/scielo>

Acesso em: 20 mar. 2017.

Butler, J. R. **Problemas de gênero: feminismo e subversão das identidades**. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAPES. Catálogo Banco de Teses e Dissertações. Disponível em

<http://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/>

Acesso em: 15 maio 2017.

DAYRELL, Juarez. **A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil**. Educ. Soc. Campinas, v. 28, n. 100 p. 1105-1128, out 2007. Disponível

em:<<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em: 18 nov. 2017.

FOUCAULT, M. História da sexualidade 1- A vontade do saber. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque; J. A. Guilhon Albuquerque, Graal- Rio de Janeiro, 1988.

Disponível em: <<http://www.academia.edu/6772895/>>. Acesso em: 18 ago. 2017.

_____. **A Microfísica do Poder**. Organização. Introdução e Revisão Técnica de Roberto Machado. Tradução Marcio Alves da Fonseca; Salma Tannus Muchail. 1998. Disponível

em: <<https://www.sabotagem.cjb.net>> Acesso em: 11 ago. 2017.4

LIMA, M.S. **Políticas de educação que tratam de gênero e sexualidades na América Latina: um estudo sobre Brasil e Uruguai. 2017**. 114f. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós-Graduação em Educação Contemporânea- Universidade Federal de Pernambuco, 2017.

MECCIA, E. **La sociedad de los espejos rotos. Apuntes para una sociología de lagaycidad. Sexualidad, Salud y Sociedad** - Revista Latinoamericana n.8, ago. 2011, pp.131-148, www.sexualidadsaludysociedad.org Disponível em:

<https://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/SexualidadSaludySociedad/article/view/1836/144> Acesso em: 16 maio 2019.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. (Org.). **Currículo, cultura e sociedade**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1994.

- SILVA, R. D. Vozes de estudantes do Ensino Médio sobre a LGBTfobia em uma escola estadual em Campo Grande, MS.** 2019. 141 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação) – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2019.
- RUBIN, G. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade.** Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, Cadernos Pagu, Campinas, (21) p. 01-88, 2003.
- SOUZA, J.M. Bullying: uma das faces do preconceito homofóbico entre jovens no contexto escolar.**2013. 165f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.
- VANCE, Carole, S. A antropologia redescobre a sexualidade: um comentário teórico.** Physis, Revista de Saúde Coletiva v. 5, n. 1, p. 07-31, 1995.
- WEEKS, J. O corpo e a sexualidade.** In: LOURO, G. L. (Org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade.** Belo Horizonte: Autêntica, p. 35-82, 2000.